

A PROPÓSITO DE UMA TAÇA ROMANA  
DA COLEÇÃO DE ARQUEOLOGIA DA  
FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA  
ABOUT A ROMAN CUP FROM THE  
ARCHAEOLOGICAL COLLECTION OF FUNDAÇÃO  
DA CASA DE BRAGANÇA

MÓNICA ROLO

UNIARQ- CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

✉: monicasrolo@gmail.com

ANALES  
DE ARQUEOLOGIA  
CORDOBESA  
NÚMERO 29 (2018)

---

## RESUMO

No recente presente trabalho aborda-se a recente ‘descoberta’, entre o acervo do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança (Vila Viçosa, Portugal), de uma taça proveniente do arqueossítio romano de Tróia (Grândola, Portugal) e cujo paradeiro estava desconhecido desde a década de 1860. Trata-se de uma peça em prata, decorada com uma representação de *xenia*, que terá resultado de um achado fortuito ocorrido em meados da segunda década do séc. XIX. Posteriormente adquirida pelo 1º Duque de Palmela (1781-1850), viria a ser oferecida por este ao rei D. Fernando II (1816-1885). A propósito desta peça, e com o intuito de contribuir para a clarificação da história que lhe está associada e de ilustrar o gosto pela Arqueologia cultivado pelos membros da Família Real, apresenta-se alguma da documentação constante do Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança, designadamente documentação de secretaria de D. Fernando, entre a qual se incluem cópias dos relatórios das escavações realizadas pela *Sociedade Archeologia Lusitana* em 1850 e recibos de compra de peças arqueológicas.

**Palabras-clave:** Arqueología, Tróia, orfebrería romana, Familia Real Portuguesa, coleccionismo

---

## ABSTRACT

In the present paper we intend to speak about the recent ‘discovery’, among the collections of Museu-Biblioteca da Casa de Bragança (Vila Viçosa, Portugal), of a metal cup from the roman site of Tróia (Grândola, Portugal). Casually found around 1814, this piece was acquired by the 1º Duke of Palmela (1781-1850) and afterwards offered to D. Fernando II (1816-1885), widower of the Portuguese Queen D. Maria II. The cup, made of silver and decorated with a *xenia*’s representation, was missing since the decade of 1860. Our intention is to contribute to clarify the history associated to this piece and, at the same time, illustrate the interest for Archaeology revealed by several members of the Portuguese Royal Family. Therefore, we present some documentation from the Historical Archive of Fundação da Casa da Bragança.

**Key-words:** Archaeology, Tróia, roman metal work, Portuguese Royal Family, royal collections

## 1. INTRODUÇÃO

A elaboração do presente artigo vem no seguimento da nossa participação na Mesa Redonda intitulada *No rasto da taça “perdida”*, uma iniciativa do Museu Nacional do Arqueologia (Lisboa), por ocasião da 6ª edição do Dia do Investigador, que teve lugar no dia 23 de Abril de 2018. Esta iniciativa foi motivada pela ‘descoberta’, entre as coleções do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança (Vila Viçosa), de uma taça, proveniente de Tróia, há muito dada como desaparecida para a Arqueologia nacional.

A ‘descoberta’ da peça foi já devidamente noticiada em artigo publicado na edição portuguesa da revista *National Geographic* (Junho 2018), dando-se a conhecer o recente contexto que permitiu a identificação do seu paradeiro, à luz do contributo dos vários investigadores envolvidos na descoberta e no estudo da taça oferecida ao Rei Dom Fernando II em 1850. Durante mais de um século e meio prevaleceu a dúvida sobre o destino que lhe teria sido reservado na sequência das vicissitudes que marcaram o fim da monarquia em Portugal e o desmantelamento das coleções reais. A sua identificação no acervo do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança levou-nos a constatar que sempre esteve



**Fig. 1.** *Localização de Tróia e Vila Viçosa no território português.*

onde deveria estar, constituindo mais um dos múltiplos exemplos da larga tradição no gosto pela Arqueologia e colecionismo cultivada pelos membros da Casa de Bragança.

No presente artigo apresentamos um conjunto de documentação constante do Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança, considerada pertinente não só para clarificar o ‘percurso’ desta peça, mas também para ilustrar, a propósito dela, o interesse pela atividade e património arqueológicos manifestado pelos membros da Família Real Portuguesa. Não cabe, portanto, no âmbito deste trabalho o estudo analítico, tipológico ou iconográfico da peça, temática reservada a outros autores em futuros trabalhos (Fig. 1)<sup>1</sup>.

## 2. OS DADOS CONHECIDOS SOBRE A ‘TAÇA PERDIDA’

O trabalho de investigação desenvolvido por M<sup>a</sup> Teresa Caetano (2017) revelou-se primordial para a identificação da ‘taça perdida’ e a reconstrução da sua história. Conforme

<sup>1</sup> Agradecemos à Dra. Maria de Jesus Monge, Diretora do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança, pela oportunidade e pelo desafio que nos colocou quando nos propôs a elaboração do presente artigo. Estamos-lhe muito gratos por todas as preciosas indicações e pelas facilidades concedidas para a consulta de bibliografia e de documentação constantes da Biblioteca e do Arquivo Histórico do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança, respectivamente. Devemos também uma palavra de agradecimento à Dra. Marta Páscoa (MBCB) pela inestimável ajuda na consulta e transcrição da documentação citada, e por todas as informações facultadas.



**Figs. 2 e 3.** A taça de Tróia da Coleção de Arqueologia da Fundação da Casa de Bragança (© Fundação da Casa de Bragança).

nos dá conta esta investigadora, o achado da peça deverá ter sido fortuito, motivado por um desmoronamento de areias em Tróia, e remonta a 1814 (Caetano, 2017: 57). Em termos gerais, trata-se de uma taça de prata (com douramentos), com um diâmetro máximo de cerca de 12cm e um esquema decorativo interpretado como uma cena de *xenia*, com a representação de alimentos – frutos da terra e frutos do mar.<sup>2</sup> Esta representação simbólica de hospitalidade e abundância não foi perceptível para o Pe. Manuel da Gama Xaro (1800-1870) que, na descrição que fez da peça no número 1 dos *Annaes da Sociedade Archeologia Lusitana* (1850: 6-8), a descreveu como uma pátera associada a práticas rituais e religiosas – *a nossa patera poderia ter pertencido a um templo de Neptuno, mas não era privativa dos sacrifícios deste deos, e sim commum de todos os que nesse templo se faziam a diferentes divindades; que, à excepção do tridente, não ha nella um só ornato ou symbolo, que não possa ser applicado a muitos e diversos deoses* (Xaro, 1850: 8) (Figs. 2 e 3).

Se, na altura do achado da peça, esta e os demais artefactos que se lhe encontrariam associados no interior do *pequeno caixão de chumbo* terão ficado na posse do então Governador de Setúbal; em 1850, a taça já seria propriedade de D. Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), 1º Duque de Palmela e, à data, Presidente vitalício da recém-criada *Sociedade Archeologica Lusitana* (Caetano, 2017: 57-58; Xaro, 1850: 3-4). Terá sido esta ilustre personalidade do Portugal oitocentista a oferecer, ainda em 1850, a dita taça ao Rei Dom Fernando II (1816-1885), juntamente com uma das várias réplicas em gesso que terá mandado fazer e que viria a ser remetida pelo monarca a Friedrich Schimko

<sup>2</sup> Interpretação da autoria do investigador Virgílio Hipólito Correia, apresentada na Mesa Redonda *Em busca da taça 'perdida'* (MNA, Lisboa, 23/04/2018) e no artigo publicado na edição portuguesa da revista *National Geographic* (Junho 2018, n.º 207).

De notar que, à data da elaboração do presente artigo, se encontra em curso o estudo analítico e a intervenção de conservação da peça, os quais, estamos certos, hão-de permitir, num futuro próximo, um conhecimento mais amplo e aprofundado sobre a mesma.

(1796-1867) (Caetano, 2017: 58). Constan do Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança dois documentos que se referem à taça de Tróia e que, apesar da ausência de indicação de data, nos parece fazer todo o sentido que possam reportar-se a meados de 1849-1850, muito provavelmente precedendo a oferta da peça a D. Fernando. Referimos, em primeiro lugar, a uma nota<sup>3</sup> na qual se dá conta do envio de réplicas da taça a diversos *antiquários de paizes estrangeiros*, na tentativa de obter informações sobre a cronologia e funcionalidade da peça. É feita também alusão ao procedimento que terá conduzido à fractura da taça, levando-nos a inferir que esta se encontraria completa aquando da seu achado nas areias da península de Tróia. Por nos parecer tratar-se de informação bastante relevante para compreender o histórico desta importante peça, passamos a transcrever o documento acima citado:

*Este objecto foi encontrado nas chamadas ruínas de Troia.*

*Tem-se tirado d'elle algumas copias\*, que remetidas a diversos antiquarios de paizes estrangeiros nenhuma solução deram acerca da epocha e dos usos a que fôra applicado.*

*Julga-se que é um vaso sacrificatorio de divindade reverenciada particularmente por povos maritimos [...] Este juizo é deduzido do local em que o objecto se achou, e por força de muito maior razão dos emblemas no mesmo gravados e dos*

*instrumentos que são incontestavelmente applicados a sacrificios.*

*Numa ocasião lançou-se a folha de um canivete dentro desse vaso, passado tempo tinha desaparecido deixando no fundo algumas nodoas. Em consequência disto lançou-se-lhe uma porção de agua de que resultou a fractura que se observa.*

*Contado o fenomeno da dessolução do canivete ao Sr. D.or Bernardino escreveu V. Ex.a a nota inclusa.*

*\*Antonio Ribeiro dos Santos em desenho, o Duque de Palmela em gesso e cêra." (FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 1).*

Da análise deste documento chamamos a atenção para a confirmada dispersão dos vários *fac-similes*, cujo paradeiro atual se desconhece. A propósito, importa assinalar que até à data são igualmente desconhecidas quaisquer apreciações que estudiosos estrangeiros, incluindo Schimko, possam ter feito sobre a taça. De igual modo, parece-nos relevante, por um lado, a aparente atribuição da realização das réplicas da peça em gesso e cera ao 1º Duque de Palmela, corroborando assim a documentação consultada e divulgada por M.<sup>a</sup> Teresa Caetano (2017: 58); e, por outro, a suposta identificação do autor da ilustração – António Ribeiro dos Santos (1745-1818), que, entre outros cargos e actividades, foi o primeiro Bibliotecário-Mor da Real Biblioteca Pública (de 1796 a 1816). Se considerarmos que o desenho mencionado no documento transcrito corresponde à única representação gráfica conhecida da peça, publicada nos já citados *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana* (Xaro, 1850: 9), e assumindo a respectiva atribuição ao

<sup>3</sup> Nota anónima mas que se supõe, com base na análise comparativa da caligrafia de outra documentação consultada, que possa ser da autoria do Pe. Manuel da Gama Xaro.

reputado polígrafo portuense, é-nos possível deduzir que o desenho da peça remontará ao período compreendido entre 1814 e 1818.

Por sua vez, a *nota inclusa* acima referida remete-nos para o segundo documento relativo a esta taça, assinado por *B. A. Gomes*, que, supomos, possa tratar-se de Bernardino António de Barros Gomes (1839-1910). Nesta missiva, o engenheiro florestal e autor de *Cartas Elementares de Portugal*<sup>4</sup> procura prestar o esclarecimento solicitado sobre o *fenomeno da dessolução do canivete* depositado na taça de Tróia, nos termos que passamos a transcrever:

*Não o devo deixar em mais duvida a respeito dos milagres da sua urna de prata [..]*

*O ferro tem a proprie.<sup>de</sup>, como o zinco, de reduzir pelo simples contacto, o chlorureto de prata, roubando-lhe o chloro e convertendo-se em chlorureto de ferro. Favoreceu esta reacção a acção galvanica despertada pelo dito contacto. O chlorureto de ferro assim formado (?) dissolve-se na humi.<sup>de</sup> atmosférica e deste modo é que o ferro vai desaparecendo, e a dissolução do chlorureto evaporada formando a mancha côr de ocre (?) q[ue] aparece no fundo do vaso. A taça de prata está revestida comp.<sup>te</sup> (completamente) em chlorureto de prata, por efeito da longa imersão em água salgada, e contacto por isso com os chloruretos de sodio e magnesio (?) da agua do mar [..]*

*Esta acção do ferro sobre o chlorureto de prata é m.<sup>to</sup> conhecida, e della se terá partido p.<sup>a</sup> (para) a purificação da prata, feita pelo modo que é desnecessário aqui mencionar.*

*Desculpe a letra, não é da secretaria, mas feita à pressa e com pouca vista.*

(assinado) *B. A. Gomes (?)*

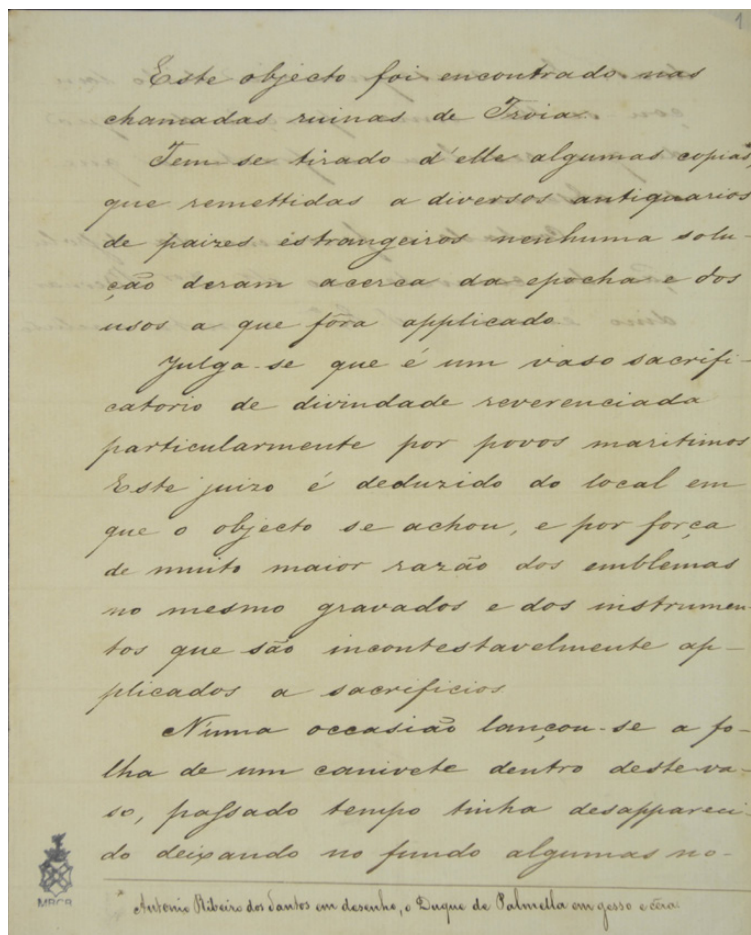
Parece-nos pois evidente que o atual estado de conservação da peça resulta, pelo menos em parte, dos procedimentos a que terá sido sujeita em meados do século XIX; hoje em dia, a peça apresenta-se incompleta mas a indicação da presença da *mancha côr de ocre (?) (...) no fundo do vaso* revela-nos que, à época do parecer acima transcrito, esta ainda conservaria o fundo (**Figs. 4 e 5**).

Na década de 1860, o fotógrafo Charles Thurston Thompson (1816-1868), ao serviço do então denominado South Kensington Museum<sup>5</sup>, fotografou a peça e, na mesma altura, foi elaborada *uma relação de peças de prata, que deve ter pertencido a um inventário de bens móveis, escrito pelo próprio punho de D. Fernando* (Soares, 1952: 140-141). No dito manuscrito identificou-se a entrada número 111 como a taça de Tróia.<sup>6</sup> Dado o manifesto interesse e gosto de D. Fernando II pelo colecionismo de antiguidades e objetos artísticos, não nos deve surpreender que, na segunda metade do séc. XIX, a taça se encontrasse no seu Gabinete de Trabalho, integrando assim o vasto acervo distribuído pelos aposentos do monarca no Palácio das Necessidades (Teixeira, 1986: 236-245). No inventário orfanológico de D. Fernando (ANTT), elaborado em 1886, inclui-se a

<sup>4</sup> *Cartas Elementares de Portugal para uso das escolas* (1878), Lisboa.

<sup>5</sup> Atual Victoria and Albert Museum (Londres, Reino Unido).

<sup>6</sup> Informação divulgada por Hugo Xavier por ocasião da Mesa Redonda intitulada *Em busca da taça 'perdida'* (MNA, Lisboa, 23/04/2018).



**Fig. 4.** Carta acerca da taça e do respectivo estado de conservação (FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 1). Possível autoria: Pe. M. Gama Xaro.

peça em questão entre os bens descritos (n.º 1255), atestando que a mesma, conforme a disposição legal, deveria transitar para a posse dos herdeiros do príncipe alemão. Voltamos a encontrar nova referência à taça no Inventário Judicial do Palácio das Necessi-

<sup>7</sup> Documentação alojada no site do Arquivo Nacional da Torre do Tombo mas cuja posse pertence ao Palácio Nacional da Ajuda.

dades (ANTT/ PNAjuda<sup>7</sup>, vol. 3), realizado na sequência da implantação do regime republicano em Portugal e da formação da designada Comissão de Arrolamento dos Paços, à qual competiu, entre 1911 e 1917, a tarefa de proceder ao inventário do recheio das residências reais e de *definir a propriedade dos bens arrolados, se da Coroa revertendo para o Estado, se propriedade particular da Família Real* (Monge, 2003: 6). A taça de

Não o devo deixar em mais duvida a respeito das  
 analogias de suas unidas pontas

O ferro tem a propriedade, como a zinco, de oxidar  
 pelo simples contacto, o chlorureto de prata, reunido  
 do-lhe o chloro e convertendo-se em chlorureto  
 de ferro. Formam estas reacções a ação gal-  
 vânica despertada pelo d.º contacto. O chlor-  
 ureto de ferro após formado dissolve-se  
 em humidade atmosférica e deste modo é  
 q' o ferro vai desaparecendo, e a difusão  
 do chlorureto evaporado formando a mancha  
 cor de oca q' aparece no fundo do vaso.

A taça de prata está humectada com p.º de  
 chlorureto de prata, por effeito da humida

**Fig. 5.** Carta, atribuída a Bernardino Gomes [s.d.], na qual se descreve a reação química à qual foi exposta a taça de Tróia (FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 2).

Tróia é então descrita, sob o número 6449 e entre o espólio atribuído ao *quarto do particular* do Rei Dom Carlos, como *uma tigela de metal, antiga, com ornamentação em relevo. Com defeito. Diâmetro doze centímetros*. Não tendo sido classificada como bem de valor artístico, terá sido entregue, em Junho de 1915, a Fernando Eduardo de Serpa Pimentel (1853-1929), último Administrador Geral da Fazenda da Casa Real, com vista

à posterior devolução aos representantes da Coroa Portuguesa (a Rainha D. Amélia e o Rei D. Manuel II, ambos no exílio). Explica-se assim que, tal como os demais bens considerados propriedade da Família Real, a taça tenha integrado as remessas enviadas (por indicação e a expensas de D. Manuel) para o Paço Ducal de Vila Viçosa (Monge, 2003: 6-8), onde recentemente veio a ser identificada.

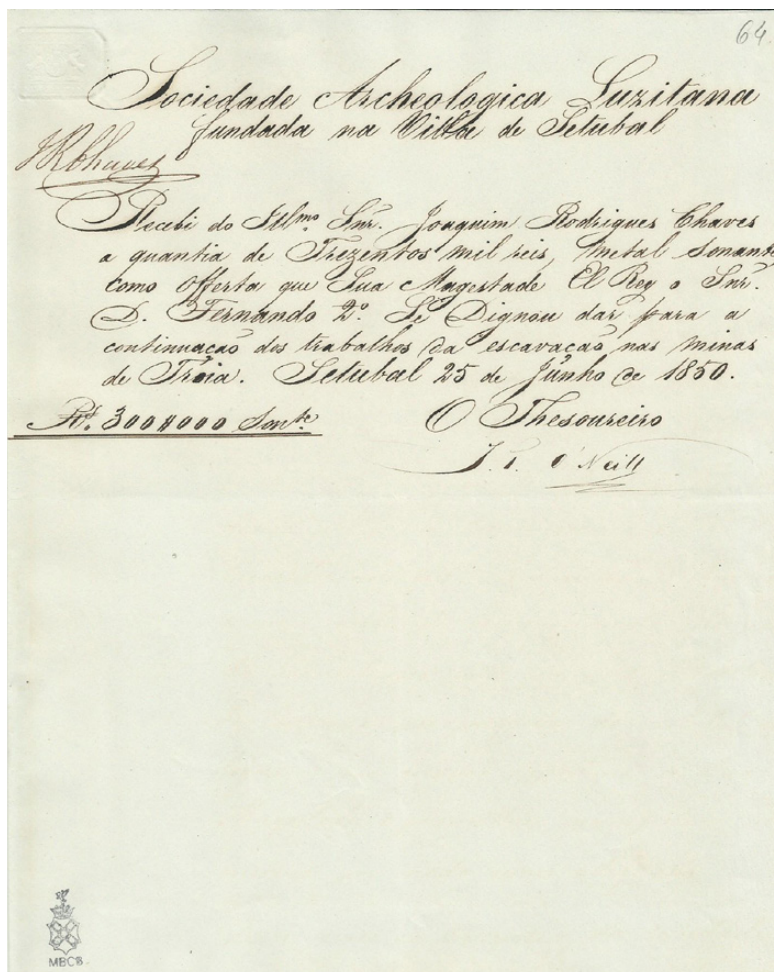
### 3. A PROPÓSITO DA TAÇA DE TRÓIA E DO GOSTO PELA ARQUEOLOGIA CULTIVADO PELA CASA DE BRAGANÇA

O interesse pela Arqueologia e o gosto pelo colecionismo entre os membros da Sereníssima Casa de Bragança estão longe de se esgotarem na figura de Fernando de Saxe-Coburgo e Gotha, príncipe-consorte e rei de Portugal por casamento com a Rainha D. Maria II (1819-1853). Conforme tivemos oportunidade de abordar noutra ocasião (Rolo, 2014-2015: 99-106), são inúmeros os exemplos que testemunham a proteção reservada ao património histórico-arqueológico e artístico pelos elementos da última Casa Real Portuguesa. Evocamos, entre muitos outros, os *Livros de muitas couzas* e a recolha das epígrafes do Santuário a Endovélico em S. Miguel da Mota (Alandroal, Évora) por D. Teodósio I (m. 1563), 5º Duque de Bragança; o Alvará de 17 de Agosto de 1721, promulgado por D. João V (1869-1750), e destinado a zelar pela proteção e salvaguarda do património arqueológico; já em 1885, o apoio concedido pelo à data ainda príncipe D. Carlos (1863-1908), para a criação do primeiro Curso Elementar de Arqueologia (Paço, 1964: 84-86); ou, ainda, o apoio concedido pela Rainha D. Amélia à atividade desenvolvida pela Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, designadamente à conservação das ruínas de Conímbriga (a propósito veja-se FCB-MBCB, AH, NNG 3831/3.3.; Gomes, 2012: 220). De recordar também a protecção régia concedida à *Associação dos Architectos Cívicos e Archeologos Portugueses, uma das mais actuaentes e prestigiadas sociedades oitocentistas de homens cultos, na salvaguarda e defesa do nosso rico acervo monumental*

(Cardoso, 2000: 12). D. Fernando II, D. Luís e D. Carlos fizeram questão de se associar a esta causa, e, a partir de 1876, a associação passaria a designar-se por 'Real' (Paço, 1964: 78-87).

A história da taça remete-nos, contudo, e de forma incontornável, para D. Fernando II, para a sua ligação à *Sociedade Archeologica Lusitana*, e para o interesse que as ruínas romanas de Tróia despertaram nos representantes da Casa de Bragança. Como é já facto bem conhecido, a realização dos primeiros trabalhos arqueológicos naquele local remonta à visita da então ainda infanta D. Maria, futura D. Maria I (1734-1816) (Paço, 1964: 73-74). O acontecimento haveria de ficar imortalizado ao atribuir-se ao trecho de ruínas a descoberto a designação de 'Rua da Princesa' (ibidem). Já em pleno séc. XIX, mais propriamente a 9 de Novembro de 1849, era fundada a *Sociedade Archeologica Lusitana*, idealizada para promover os trabalhos arqueológicos nas ruínas de Tróia (erroneamente identificada como se correspondesse à cidade romana de *Caetobriga*) e a criação de um museu que assegurasse a proteção e divulgação do espólio recolhido no decurso desses mesmos trabalhos. Para tal afigurava-se imperativo contar *um Protector e um Presidente, que affiancem, por sua posição social, o progresso da empresa* (Xaro, 1850: 3). A presidência, conforme já tivemos oportunidade de aludir, ficou entregue ao 1º Duque de Palmela, D. Pedro de Sousa Holstein, a quem, por falecimento em 1850, haveria de suceder o filho D. Domingos de Sousa Holstein (1818-1864), 2º Duque de Palmela (Caetano, 2017: 59). D. Fernando, por sua vez, garantiu-lhe a protecção régia (Caetano, 2017: 56; Teixeira, 1986: 268-269; Xaro, 1850: 3) e apoio pecuniário, con-

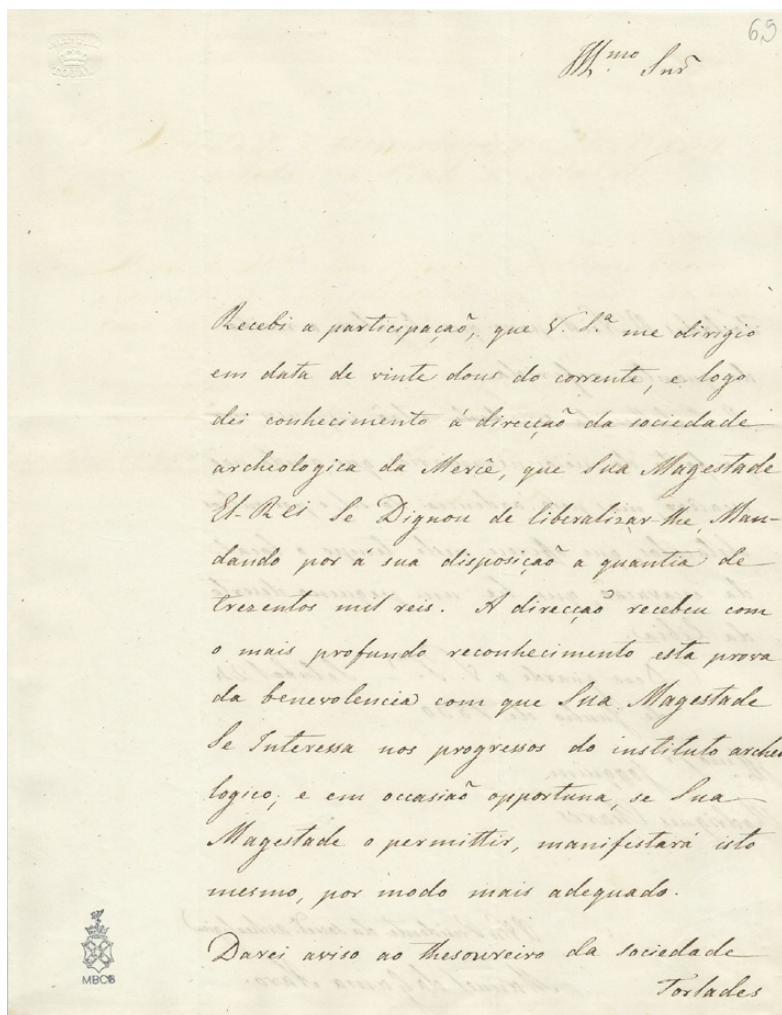




**Fig. 6.** – Recibo pela contribuição de D. Fernando II, no valor de 300\$00, à Sociedade Archeologica Lusitana (FCB-MBCB, AH, NNG 3315, folha 64).

forme atesta a contribuição do monarca, no valor de *trezentos mil reis*, concedida àquela Sociedade, em Junho de 1850, *para dar continuação dos trabalhos da escavação nas ruínas de Troia* (FCB-MBCB, AH, NNG 3315, folha 64).<sup>8</sup> Em carta de agradecimento pela doação régia, o Pe. Manuel da Gama Xaro, na qualidade de Vice-Presidente da Sociedade, escreveu: *A direcção recebeu com o mais*

<sup>8</sup> O documento citado, constante do Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança (FCB-MBCB, AH, NNG 3315, folha 64), corresponde ao recibo relativo ao valor doado por D. Fernando II à *Sociedade Archeologica Lusitana*, redigido por Jorge Torlades O'Neill (1849-1925), tesoureiro e um dos sócios-fundadores da dita associação, em 25 de Junho de 1850. Acompanha uma carta de agradecimento da autoria do Pe. Manuel da Gama Xaro, datada de 24 de Junho de 1850 (FCB-MBCB, AH, NNG 3315, folha 65).



**Fig. 7.** – Carta de agradecimento, da autoria do Pe. Manuel da Gama Xaro, pela contribuição de D. Fernando II (FCB-MBCB, AH, NNG 3315, folha 65).

profundo reconhecimento esta prova da benevolência com que Sua Magestade Se interessa nos progressos do instituto archeologico (...), acrescentando ainda os trabalhos da sociedade estão suspensos, não por falta de meios pecuniários, que ainda não escaceão (?), mas pela ardência do sol, e por outros obstáculos, que oferece neste tempo o local

da escavação, que he um pequeno deserto da Libia (FCB-MBCB, AH NNG 3315, folha 65) (Figs. 6 e 7).

Nos Apontamentos sobre as preciosas colleções de Sua Magestade El-Rei D. Fernando II, elaborados em 1886 por Ernesto Silva, encontra-se a seguinte referência genérica:

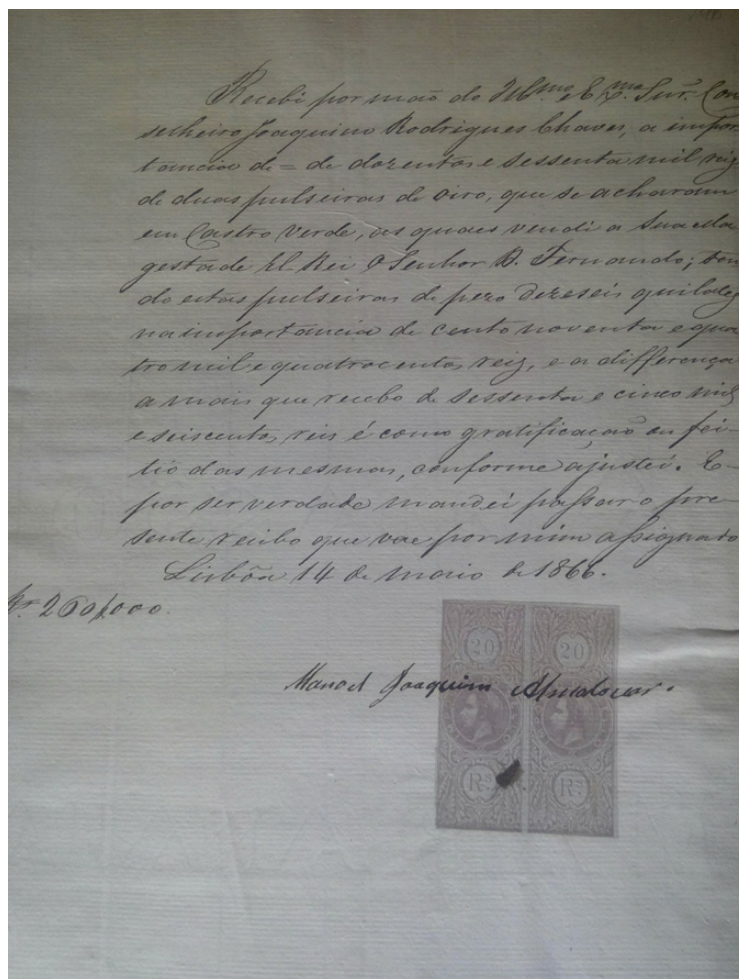
*Na segunda prateleira grande vaso de (?), tabuleiro redondo, terrina com duas asas muito elegantes, uma taça em forma de concha e diferentes outras peças, tudo romano (talvez de Troia)* (FCB-MBCB, AH, NNG 3647, folha 34). Sem fazer menção específica à taça encontrada em 1814, não nos parece despidendo fazer notar a referência a outro espólio arqueológico também de cronologia romana e com possível origem em Tróia. Neste âmbito impõe-se lembrar que o gosto de D. Fernando II pelo património histórico e arqueológico também passou pela compra de compras de bens arqueológicos. Do Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança constam dois documentos que ilustram bem esta prática. No primeiro caso, referimo-nos a um recibo constante dos Documentos de Despesa de D. Fernando II (FCB-MBCB, AH, NNG 3339, folha 146), e datado de 14 de Maio de 1866, no qual se alude à venda, por particulares, de *duas pulseiras de ouro, que se acharão em Castro Verde*, de peso 16 quilates, pela quantia de *dozentos e sessenta mil réis*.<sup>9</sup> O segundo caso corresponde a uma escritura de compra de uma antiguidade em ouro (FCB-MBCB, AH, NNG 3604/3, Núcleo D. Fernando, pasta 'Jóias'), datada de 30 de Novembro de 1883. A peça é descrita como *uma argola de ouro massiço, tendo uma porção movel para se abrir porém sem articulação alguma mas sómente duas méxas do mesmo metal entrando em cavidades correspondentes, representando o peso do ouro o valor de um conto e cinco mil reis, apresentando a superfície da argola labores muito simples de estilo celtico, que foi achada pessoalmente pelo mesmo constituinte Euzebio Mendes, enterrada na propriedade d'elle denominada a Lapa do Moirão ou Valle da Branca, no limite do casal do Milhorádo, na freguesia de São Miguel, da*

*mesma villa e comarca de Penella* (FCB-MBCB, AH, NNG 3604/3). Até à data da elaboração do presente texto, não foi possível identificar estas peças em outras fontes documentais, designadamente o inventário orfanológico de D. Fernando II ou os arrolamentos dos paços reais, ou localizá-la nas coleções do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança. Esperamos que futuras pesquisas permitam fazer luz sobre o paradeiro e a história destes artefactos, tal como sucedeu com a taça de Tróia (Fig. 8).

Por vicissitudes diversas, que não cabe explicar no âmbito do presente artigo, a atividade desenvolvida pela *Sociedade Archeologica Lusitana* terá ficado aquém das expectativas iniciais dos seus fundadores. Conhece-se a realização de trabalhos arqueológicos entre Maio de 1850 e Março do ano seguinte, tendo sido decidida a suspensão dos mesmos em 1856 (Caetano, 2017: 59). A falta de apoios e a diminuição dos recursos financeiros para fazer face aos custos que a atividade exploratória acarretava terão certamente contribuído para a falência deste projeto. Do Arquivo Histórico da Fundação da Casa de Bragança constam cópias de cinco *diarios* dos trabalhos arqueológicos realizados nas erroneamente apelidadas *ruínas de Cetobriga*, por iniciativa da *Sociedade Archeologica Lusitana*.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> No documento citado esclarece-se que o valor atribuído às peças é de cento e noventa e quatro mil e quatrocentos réis, e que a diferença dos restantes sessenta e cinco mil e seiscentos réis serve como *gratificação ou feitiço das mesmas* (pulseiras), *conforme ajuste* (FCB-MBCB, AH, NNG 3339, folha 146).

<sup>10</sup> A indicação de *Copia* no canto superior esquerdo dos mencionados *Diarios* implica presumir a existência dos documentos originais, cujo paradeiro desconhecemos. Em função das características da documentação analisada, presume-se que as cópias citadas tenham sido elaboradas na mesma altura dos originais, isto é, em meados do séc. XIX.



**Fig. 8.** Recibo de venda, por particulares a D. Fernando II, de duas peças arqueológicas, provenientes de Castro Verde (Beja, Portugal) (FCB-MBCB, AH, NNG 3339, folha 146).

Correspondem a descrições, mais ou menos pormenorizadas, dos trabalhos levados a cabo desde a sexta até à décima semana de escavações, num período compreendido entre 4 de Novembro e 7 de Dezembro de 1850 (FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folhas 3-8). Transcrevemos alguns excertos do intitulado *Diário da sexta semana de escavação nas ruínas de*

*Cetobriga* (FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folhas 3-4), por nos parecer bastante representativo do teor destas fontes documentais e ilustrativo da natureza dos trabalhos e descobertas realizados:

*No dia 4 do corrente [Novembro de 1850] continuaram os trabalhos de*

*escavação, começando o desentulho n'uma das casas em que já se tinha principiado a desentulhar, na primeira escavação, em Maio deste anno: tractou-se de remover as arêas da vaza do lado do nascente, onde havia sido descuberta a varanda ou terrado de mosaico assente sobre argamassa de cal e mui pequenos pedaços de tijôlo vermelho; (...).*

*(...)*

*No dia 7 continuamos a desentulhar a caza acabamos, digo, de que acabamos de fallar; mas tratando ao mesmo tempo de alargar a área da escavação, encontramos grande porção de amphoras de barro, umas de forma conica, e outras de forma cilyndrica; umas em bom estado, e outras fracturadas nas boccas e fundos, mas todas podemos obter da maneira em que forão achadas. Achamos neste dia uma porção de pregos de cobre de diferentes tamanhos.*

*No dia 8 começamos a fazer desentulhar a caza que fica entre as outras duas já principiadas a descobrir; desafrontamos a parede da frente desta caza até um pouco abaixo do nivel do pavimento do primeiro andar, e vimos que tinha uma larga janela e tão larga que era tripartida por duas columns formadas de cal e tijôlo (...). Junto à parede da frente desta vaza e ao pé de um arco de alvenaria, que forma uma das entradas para o piso térreo, encontramos uma grande ossada e envolta com esta a armação de um veado, mas parte desfeita, e parte fracturada. Neste dia acharão-se uma Medalha (forrada) (?) de prata do Imperador Marcus Severus Alexandre, e trez Medalhões, sendo um do Imperador Trajanus, outro do Impe-*

*rador Antoninus, e o outro do Imperador Gordianus. (...). À semelhança do que se verifica para o diário da sexta semana, também o da décima semana (dias 2 a 7 de Dezembro de 1850 – FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 8), terá sido elaborado por João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897)<sup>11</sup>, outro dos sócios fundadores da Sociedade. No mencionado diário dá-se conta: *No local da escavação achei já desentulhada até o pizo térreo uma espaçosa caza que fica do lado do poente: fiz continuar a escavação por detrás da parede, que formava o fim ou fundo da mesma vaza, para que a escavação fosse sempre correndo de norte a sul, e segundo o sistema adoptado. (...)**

*No dia 7 continuou o trabalho de escavação na mesma vaza, tendo-se, porem, mandado alguma gente apalpar o terreno mais para o nascente, e à beira-mar, descobriu-se uma sepultura feita de grandes tijolos, e contendo ainda dentro um cadaver, cuja ossada quazi toda se desfez ao primeiro contacto do ar (FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 8).*

No diário da sétima semana (11 a 16 de Novembro de 1850), e atendendo à necessidade, imposta pelos trabalhos de escavação, de se proceder ao transporte e deslocação de um crescente volume de areias, expressa-se a seguinte intenção: *fazer-se uma rogativa ao Snr. Presidente da Assembleia Geral, ou ao Real Protector da Sociedade, se tanto fôr mister, para que se dignem obter a concessão de se fazer um córte no Pinhal Nacional mais proximo, dos pinheiros necessarios para*

<sup>11</sup> FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folhas 3-4 e 8.

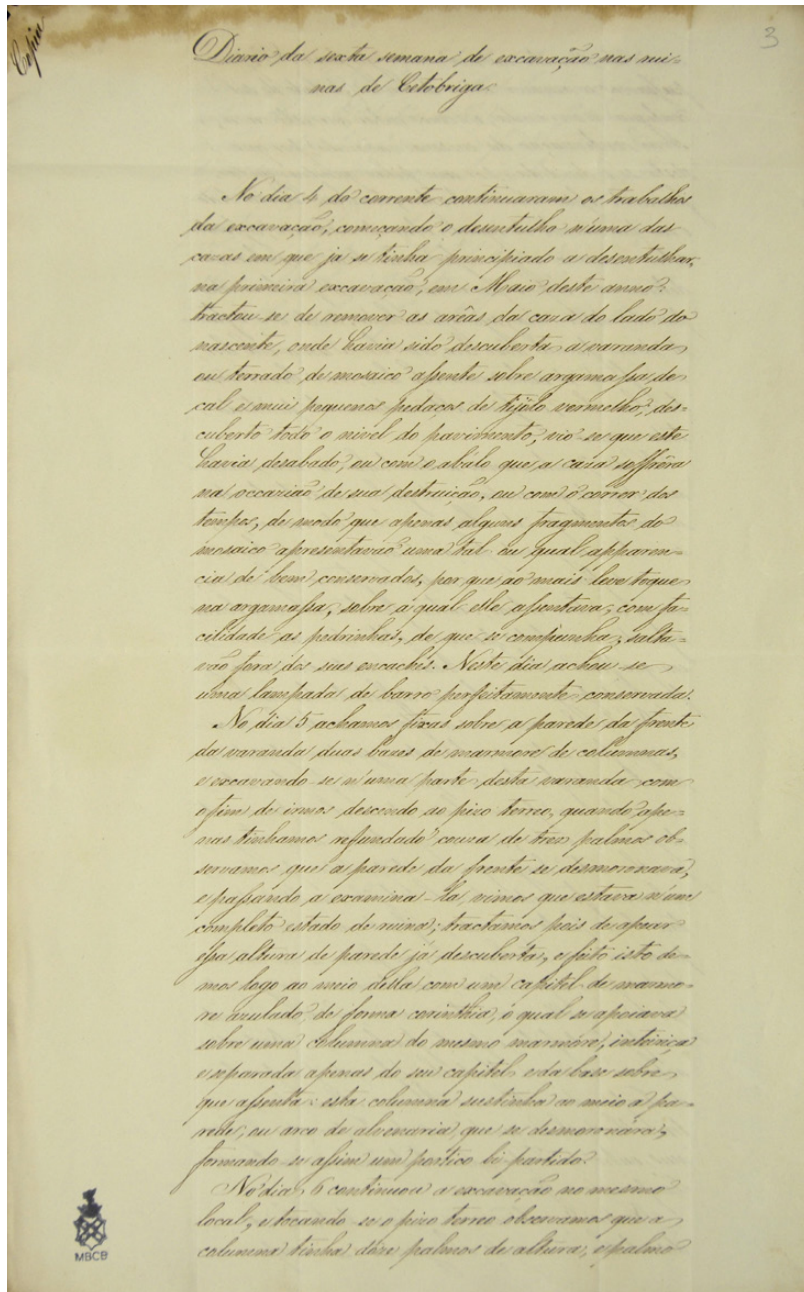


Fig. 9. Diário da sexta semana de escavação nas ruínas de Cetobriga (FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 3).



**Fig. 10.** Desenho atribuído ao Rei Dom Carlos I, realizado no decurso da visita às ruínas de Tróia em Novembro de 1897 (extraído de PAÇO, 1964, Fig. 3; desenho original: Museu Nacional Soares dos Reis, Porto).

a estacaria, e respectivos carris: e o fornecimento pelas Obras Publicas de duas duzias de carrinhos de mão, duas duzias de alviões, e mais vinte pás de ferro, para se poder empregar maior numero de operarios, e se conseguirem os fins que a Sociedade tem em vista (FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 5). A intenção foi cumprida e a rogativa aceite pela Rainha D. Maria II, mas a ausência de despacho ministerial inviabilizou o respectivo seguimento e a concretização da estratégia idealizada (Caetano, 2017: 59).

Por fim, e não obstante o desaparecimento da *Sociedade Archeologica Lusitana*, o ensejo de dar continuidade aos trabalhos arqueológicos no local não esmoreceu (a propósito, veja-se Caetano, 2017: 61-62) e as ruínas romanas de Tróia continuaram a merecer a atenção dos membros da Casa de Bragança. Testemunho disso mesmo é a visita realizada ao local por D. Pedro V (1837-1861), na companhia de Emílio Hübner, ou, em finais do séc. XIX, mais propriamente em Novembro de 1897, a visita de D. Carlos (1863-1908) (Figs. 9 e 10).

---

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A história das coleções museológicas e, em particular, das Coleções Reais constitui um tema em construção. Ter-se-á avançado de forma significativa em relação aos primeiros anos do séc. XXI, em que se apresentava *quase por fazer* (Monge, 2003: 6), mas subsiste um longo caminho a percorrer, de aturada pesquisa e cruzamento de fontes. O caso da 'taça perdida' de Tróia é um exemplo paradigmático das potencialidades desse caminho a trilhar. É de realçar o facto da sua recente 'descoberta' no acervo do Museu-Biblioteca da Casa de Bragança ser o resultado de um esforço concertado de diversos investigadores. O presente artigo pretende apenas

acrescentar alguns novos dados para a história dessa peça que permaneceu durante mais de um século na sombra do desconhecimento público, e chamar a atenção para a existência de outras que urge 'redescobrir' nos acervos museológicos e nas fontes documentais.

---

## ABREVIATURAS USADAS

---

AH = Arquivo Histórico

ANTT = Arquivo Nacional da Torre do Tombo

FCB – MBCB = Fundação da Casa de Bragança –  
Museu-Biblioteca da Casa de Bragança

MNA = Museu Nacional de Arqueologia

PNAjuda = Palácio Nacional da Ajuda

---

## BIBLIOGRAFIA

---

**Arquivo Nacional da Torre do Tombo** ([www.digitarq.pt](http://www.digitarq.pt))

Inventário Judicial do Palácio Nacional das Necessidades, volume 3 (n.ºs 5836-7370).

Inventário Orfanológico de Dom Fernando II, volume 2.

**Fundação da Casa de Bragança – Museu-Biblioteca da Casa de Bragança, Arquivo Histórico**

Carta (possível autoria: Pe. Manuel da Gama Xaro) relativa à taça de Tróia e respectivo estado de conservação [s.d.] - FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 1.

Carta, atribuída a Bernardino Gomes [s.d.], na qual se descreve reação química à qual foi exposta a taça de Tróia - FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 2.

*Diário da sexta semana de escavação nas ruínas de Cetobriga* - FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folhas 3-4.

*Diário da sétima semana de escavação nas ruínas de Cetobriga* - FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 5.

*Diário da oitava semana de escavação nas ruínas de Cetobriga* - FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 6.

*Diário da nona semana de escavação nas ruínas de Cetobriga* - FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 7.

*Diário da décima semana de escavação nas ruínas de Cetobriga* - FCB-MBCB, AH, NNG 3462/8, folha 8.

Recibo da contribuição de 300\$00 concedida por D. Fernando II à *Sociedade Archeologica Lusitana* (25 de Junho de 1850) - FCB-MBCB, AH, NNG 3315, folha 64.

Carta de agradecimento da autoria do Pe. Manuel da Gama Xaro, datada de 24 de Junho de 1850 - FCB-MBCB, AH, NNG 3315, folha 65.



Recibo de compra, por D. Fernando II a particulares, de duas peças em ouro (14 de Maio de 1866) - FCB-MBCB, AH, NNG 3339, folha 146.

Escritura de compra, por D. Fernando II a particulares, de uma peça em ouro (30 de Novembro de 1883) - FCB-MBCB, AH, NNG 3604/ 3.

*Apontamentos sobre as preciosas colecções de S. M. El Rei D. Fernando II*, da autoria de Ernesto da Silva e datados de 1886 - FCB-MBCB, AH, NNG 3647, folha 34.

Carta dirigida em nome da *Associação dos Arqueólogos e Archeólogos Portuguezes* à Rainha D. Amélia, datada de Janeiro de 1903 - FCB-MBCB, AH, NNG 3683/3.2

Parecer do Procurador Geral da Coroa acerca dos Estatutos da *Sociedade Archeologica, Lusitana*, datado de 16 de Junho de 1843 - FCB-MBCB, AH, NNG 3831/3.3

AAV (2016): *Fernando Coburgo fecit. A actividade artística do rei-consorte*, Sintra.

AMARAL, A. M. (coord.) (2009): *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, Coimbra.

ARAGÃO, A. C. T. (1870): *Descrição Historica das Moedas Romanas existentes no Gabinete Numismatico de Sua Magestade El-Rei O Senhor Dom Luiz I*, Lisboa.

BARTHOLO, M<sup>a</sup> L. (1963): *A obra artística de El-Rei D. Carlos*, Lisboa.

BRUM, P. (2013): *Contributos para a programação museológica do acervo arqueológico romano de Tróia. Museu ou centro de interpretação?*, Trabalho de Projecto apresentado para cumprimentos dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

CAETANO, M.<sup>a</sup> T. (2017): "O Rei D. Fernando II e a Arqueologia Portuguesa – mecenato régio e

associativismo patrimonial", *Al-Madan*, II<sup>a</sup> série, 21, tomo 2, 54-62. [https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline21\\_2](https://issuu.com/almadan/docs/al-madanonline21_2)

CÂNCIO, F. (1955): *O Paço da Ajuda*, Lisboa.

[s.a.] (1892): *Catalogo dos bens mobiliários existentes no Real Palacio das Necessidades pertencentes á herança de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando*. Lisboa.

CARDOSO, J. L. (2000): "Como nasceu a Arqueologia em Portugal", *Revista O Estudo da História*, 4, 9-30.

COLLAÇO, J.; PALHARES, A.; TORRALBA, R. (1908): *S. M. El-Rei D. Carlos I e a sua obra artistica e scientifica*, Lisboa.

DIONÍSIO, S. (1947): *Museu-Biblioteca de Vila Viçosa*, Lisboa.

FABIÃO, C. (2011): *Uma História da Arqueologia Portuguesa*, Lisboa.

GODINHO, I. S. (1990<sup>2</sup>): *D. Luís I, Duque do Porto e Rei de Portugal*, Lisboa.

GOMES, L. I. E. (2012): "A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Conímbriga (1911-1962): um contributo para a memória dos trabalhos de exploração e escavação arqueológicos", *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXV, 215-232.

HALLETT, J.; SENOS, N. (2018): *De todas as partes do mundo. O património do 5º Duque de Bragança, D. Teodósio I. Vol. I – Estudos*, Lisboa.

HANNAVY, J. (ed.) (2008): *Encyclopedia of Nineteenth-century Photography*, volume I, London/ New York.

LOPES, M<sup>a</sup> H. T.; ARAÚJO, L. M. (1992): "A colecção egípcia do rei D. Luís", *HATHOR – estudos de egiptologia*, n.º 4, 18- 28.

MONGE, M.<sup>a</sup> J. (2003): "Colecções Reais no Museu-Biblioteca da Casa de Bragança", *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, n.º 9, 6-9.

MONGE, M.<sup>a</sup> J. (2003): *Museu-Biblioteca da Casa de Bragança: de Paço a Museu*, Dissertação de

- Mestrado em Museologia apresentada à Universidade de Évora [texto policopiado].
- MONGE, M.<sup>a</sup> J. (2006): “A coleção de faiança italiana da Família Real”, *Callipole*, n.º 14, 129-136.
- MORAIS, R. (2002): “A taça romana de prata de Bracara Augusta”, *Conímbriga*, volume XLI, 165-180. <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/37669/3/A%20taca%20romana%20de%20prata%20de%20Bracara%20Avista.pdf>.
- PAÇO, A. (1964): *A Casa de Bragança e a Arqueologia Portuguesa*, Lisboa.
- PEREIRA, M.<sup>a</sup> H. da Rocha (1959): “Notícia sobre vasos gregos existentes em Portugal”, *Conímbriga*, I, 97-108.
- PESTANA, M. I. (1981): *A propósito da coleção neolítica de D. Luís I existente em Vila Viçosa (Museu Arqueológico da Casa de Bragança)* [texto policopiado], Vila Viçosa.
- PESTANA, M. I. (1988): “A Casa de Bragança: Um Sereníssimo Estado dentro do Estado”, *Revista de História* (separata), 259-272.
- SÁEZ SALGADO, J.; MIRANDA, J. A. G. (2014): *Coleção numismática D. Luís*, Lisboa.
- SILVA, N. V. (2003): *As coleções de D. João IV no Paço da Ribeira*, Lisboa.
- SOARES, E. (1952): *D. Fernando II Artista*, Lisboa.
- ROLO, M. (2014-2015): “José Leite de Vasconcelos e Vila Viçosa – o santuário a Endovélico (São Miguel da Mota, Alandroal) e a Casa de Bragança”, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 4/5, 85-111.
- ROSA, G. P. (2018): “A taça que esteve um século “perdida”, *National Geographic Portugal*. <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/actualidade/1806-a-taca-que-esteve-um-seculo-perdida>
- TEIXEIRA, J. (1983): *O Paço Ducal de Vila Viçosa, sua Arquitectura e suas Coleções*, Lisboa.
- TEIXEIRA, J. (1986): *D. Fernando II. Rei-artista. Artista-rei*, Lisboa.
- XAVIER, H. (2011): “O “Museu de Antiguidades” da Ajuda: numismática e ourivesaria das coleções reais ao tempo de D. Luís”, *Revista de História de Arte*, n.º 8, 71-87.
- XARO, M. G. (1850): *Annaes da Sociedade Archeologica Lusitana*, Lisboa, n.º 1.
- XAVIER, H. (2013): *Galeria de pintura no Real Paço da Ajuda*, Lisboa.